

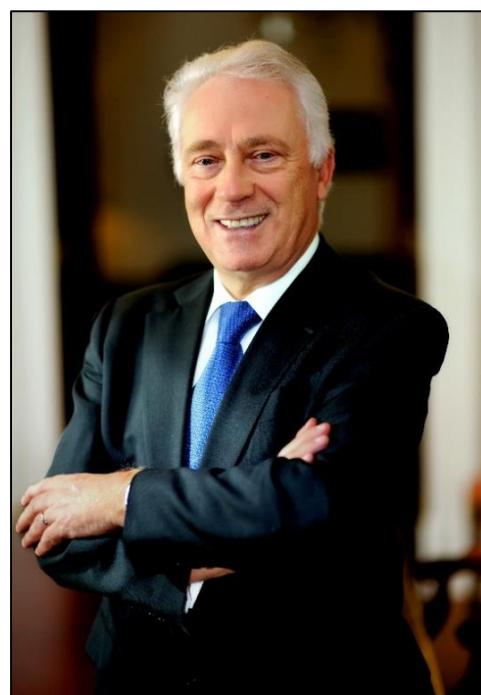
Biblioteca Hoje – Uma janela aberta sobre a realidade socioeconómica

Carlos da Silva Costa

Uma biblioteca desempenha, nos nossos dias, uma função cada vez mais exigente e dinâmica: ela tem de ser uma **janela aberta sobre a realidade económica, financeira e social, bem como sobre a reflexão que esta suscita.**

Para tal, a biblioteca tem de ser uma janela aberta...

- ... às **diversas linhas de pensamento** no seio e que gravitam em torno do domínio científico ou reflexivo a que se dedica;
- ... ao seu **utilizador**, assumindo-o como foco da sua atividade;
- ... à **comunidade envolvente**, que constitui o verdadeiro perímetro de influência da sua ação;
- ... e à **tecnologia**, que potencia a eficiência e a eficácia do seu trabalho.



Uma janela aberta sobre a reflexão e o pensamento

A biblioteca tem de **manter sempre visível no seu radar tanto a produção teórica dominante como as suas margens e o legado** que as sustenta.

Por **“margens”** refiro-me não apenas às linhas de pensamento pouco preponderantes dentro desse mesmo domínio científico ou reflexivo, como também a ciências ou reflexões conexas, a disciplinas instrumentais e a ferramentas analíticas e de observação, que podem proporcionar contributos complementares de relevo – sempre sem fechar a porta à afloração de questões e reflexões inovadoras. Só desta forma será possível acompanhar, identificar e sobretudo compreender e enquadrar as linhas de pensamento que sucessivamente vão assumindo predominância, evitando a captura por modelos, quadros teóricos ou correntes de pensamento que, por força da dinâmica de produção de conhecimento, acabarão por ser relativizados ou mesmo superados.

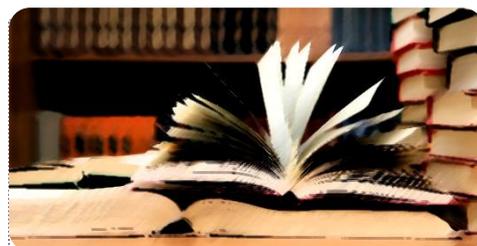
Simultaneamente, a biblioteca não pode perder de vista **o legado** dos domínios a que se dedica. Não raras vezes, as linhas de pensamento emergentes recuperam trabalhos antigos, desenvolvendo-os ou adaptando-os. O bibliotecário encontra-se numa posição privilegiada para potenciar estas conexões e enriquecer a visão sobre os desenvolvimentos presentes dos quadros teóricos, à luz do pensamento passado.

A Ciência Económica, domínio central da Biblioteca do Banco de Portugal, oferece inúmeros exemplos da pertinência deste acompanhamento atento das margens e do legado de uma área científica. Sublinharia apenas dois exemplos, que considero representativos:

1. Nas décadas de 1970 e 1980, assistiu-se, no contexto do pensamento económico, à emergência e posterior predominância da premissa das expectativas racionais, segundo a qual os agentes económicos usam toda a informação disponível para tomar decisões absolutamente racionais e para formular expectativas que determinam, elas próprias, a evolução futura da economia. Esta premissa encontrou enquadramento na “nova escola clássica” e assumiu-se como linha de pensamento dominante. Contudo, ainda durante a década de 1980, modelos de pensamento típicos da “nova escola keynesiana”, à data pouco influentes, foram sendo trabalhados e desenvolvidos, dando origem, na década de 1990, a uma nova síntese teórica dominante, que integrou abordagens oriundas destas duas escolas. Se uma biblioteca, à época, optasse por se focar excessivamente na premissa das expectativas racionais, ignorando os modelos keynesianos que cresciam na margem, correria o risco de chegar com atraso à nova síntese, ou, ainda pior, de se tornar um reservatório de ideias estaticamente ancoradas na década de 1970, com prejuízo da capacidade reflexiva e de produção de conhecimento dos seus utilizadores.

2. Nessa mesma década de 1970, em que ascendeu a premissa das expectativas racionais, teve início a carreira académica de um pensador que, décadas mais tarde, haveria de trazer uma nova visão sobre o papel da racionalidade nas decisões dos agentes económicos. Trata-se de Richard Thaler, laureado em 2017 com o prémio de Ciências Económicas em Memória de Alfred Nobel, pelo seu contributo para a criação de uma nova linha de pensamento económico: a “economia comportamental”. O trabalho de Thaler colocou em evidência, entre outros aspetos:

- a relevância, para a tomada de decisão pelo ser humano, do seu conflito interno entre a impulsividade e o planeamento;
- a forma como a valorização de ideais como a justiça pode impedir agentes económicos de tomarem decisões individualmente racionais, como subir preços;
- e a forma como as limitações naturais das capacidades cognitivas de qualquer pessoa a podem levar a usar critérios superficiais ou intuitivos na tomada de decisões financeiras, conduzindo a enviesamentos.



Índice

Biblioteca Hoje • 1

Uma janela aberta sobre a realidade socioeconómica

Entrevista • 5

João Luís César das Neves: A minha biblioteca ideal

Destaques • 8

Novos recursos de informação • 9

Uma nova forma de aceder à informação • 12

Nesta busca por perceber como os agentes económicos se desviam do paradigma da racionalidade económica, Thaler transportou a Psicologia – em particular, a Psicologia Comportamental – da margem para o centro da Economia. Ao fazê-lo, este investigador recuperou e desenvolveu um dos legados mais icónicos da Ciência Económica: a tensão, descrita há mais de 200 anos por Adam Smith, entre

- a “mão invisível” da racionalidade, peça central da Riqueza das Nações, e
- a contenção da pulsão da satisfação imediata por via das normas sociais e morais, como explorado na Teoria dos Sentimentos Morais.

A exigência inerente ao papel do bibliotecário inclui ainda o rigor científico: além da atenção às linhas de pensamento marginais, às ciências e instrumentos analíticos conexos e às oportunidades de conexão com o legado passado, é necessário garantir que o conhecimento coligido respeita padrões elevados de qualidade científica.

“Esperamos do bibliotecário não apenas conhecimento da área temática a que se dedica, mas também uma assistência pró-ativa, que permita ao utilizador alcançar o que procura, onde procura... mas também obter o que precisa onde não esperava poder encontrar.”

Esta ação atenta, holística e rigorosa da parte do bibliotecário é fundamental para que a biblioteca possa prestar ao utilizador o serviço diferenciado que hoje dela se espera.

Uma janela aberta sobre o utilizador

Nos nossos dias, o papel da biblioteca, em particular quando integrada numa organização, é diferente daquele que lhe era atribuído no passado. A biblioteca era perspectivada apenas como um depósito de informação, que se queria bem conservado, bem organizado e orientado para o seu objeto temático.

Hoje, o que esperamos de uma biblioteca é, além disso, que seja sobretudo um agente potenciador de novas questões e reflexões por parte dos seus utilizadores, ao permitir o acesso a informação abrangente, relevante e de qualidade, com elevados níveis de disponibilidade e rapidez. Esperamos do

bibliotecário não apenas conhecimento da área temática a que se dedica, mas também uma assistência pró-ativa, que permita ao utilizador alcançar o que procura, onde procura... mas também obter o que precisa onde não esperava poder encontrar.

Dado o crescimento galopante (i) do volume de conhecimento que as sociedades vão acumulando e (ii) da velocidade e acessibilidade com que ele é difundido, esta assistência especializada proporcionada pela biblioteca é crucial para que o utilizador e a comunidade envolvente possam orientar e otimizar a sua navegação no imenso oceano de conhecimento disponível.



Uma janela aberta sobre a comunidade

O impacto desta assistência só poderá ser maximizado se a biblioteca se abrir permanentemente à comunidade de potenciais utilizadores no meio que a rodeia.

Se o conhecimento de uma biblioteca se mantiver discretamente escondido nas suas prateleiras e nos seus servidores, alheio à vida que se desenrola no exterior, **difícilmente se poderá tornar instrumento do progresso** de uma sociedade.

O trabalho de Richard Thaler, mencionado acima, é também disso um bom exemplo. Tendo chegado às mãos de decisores de políticas públicas, ele inspirou o desenho de mecanismos de indução da poupança dos cidadãos e promoveu a eficácia de programas de pensões de reforma.

Uma janela aberta sobre a tecnologia

Nos nossos dias, uma interação ampla e fluida com a comunidade envolvente exige a otimização e atualização permanentes das ferramentas que o desenvolvimento tecnológico proporciona.

A tecnologia usada para produzir, tratar, conservar e disponibilizar o conhecimento é cada vez mais sofisticada. **A biblioteca e o bibliotecário necessitam, por isso, de acompanhar e dominar**, no essencial e na medida relevante para a sua área temática, **os desenvolvimentos tecnológicos**.

A tecnologia determina a linguagem usada para difundir o conhecimento e, por outro lado, constitui uma importante alavanca de eficiência e eficácia na operação de uma biblioteca.

Nos nossos dias, uma biblioteca tem de combinar documentação física, documentação física digitalizada e documentação eletrónica, o que requer elevada agilidade tecnológica. Também as cópias de segurança em suporte digital permitem ganhos de eficiência e eficácia, envolvendo contudo importantes desafios tecnológicos na proteção do acesso aos dados e da integridade dos mesmos.

... Enfim, uma janela aberta sobre o futuro

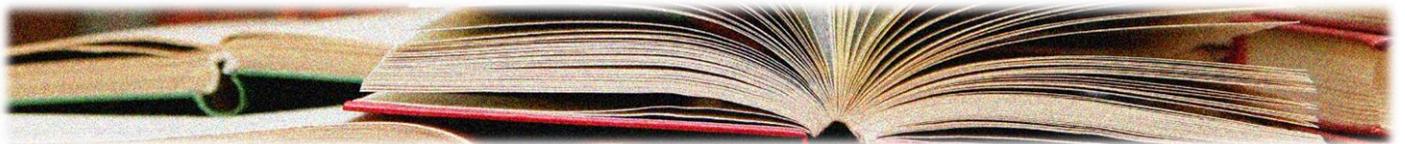
Em suma, **a biblioteca não é mais um depósito do passado, mas antes uma plataforma para o lançamento da reflexão futura**. Será um erro pensar que o legado de conhecimento que ela transporta é uma coleção de ideias mortas, percíveis ou ultrapassadas. Se rigorosamente selecionado e conservado, esse legado representa, ao invés, uma preciosa coleção de sementes para germinação de conhecimento futuro.

É, por isso, imprescindível que a Biblioteca do Banco de Portugal se mantenha permanentemente atenta, não só às teorias dominantes, como às suas margens, às disciplinas instrumentais e ferramentas analíticas de suporte e ao legado do pensamento económico. É imprescindível que coloque sempre o seu foco nos utilizadores, que estreite continuamente a ligação à realidade económica, financeira e social portuguesa e que acompanhe de perto os desenvolvimentos tecnológicos cruciais para compreender e divulgar a fronteira do conhecimento em Economia.



A nossa Biblioteca deve funcionar como uma alavanca para o Banco e para a sociedade, assumindo-se como um centro gravitacional de potenciação de estudos. O seu acervo pertence à sociedade portuguesa e destina-se a providenciar-lhe um conhecimento profundo do presente e da História da sua economia.

Encorajo a Biblioteca do Banco de Portugal a preservar esta ambição de atuar, tanto no seio do Banco como junto da sociedade portuguesa, como uma força difusora e potenciadora de reflexão e conhecimento, nos planos teórico e aplicado. Em particular, encorajo-a a tornar-se um centro de referência para o conhecimento sobre a realidade económica, financeira e social portuguesa.



Entrevista • A minha biblioteca ideal

Prof. João Luís César das Neves

1 – As últimas décadas foram marcadas por um processo de transformação digital que - primeiro através da massificação do uso de computadores e depois com a disseminação da Internet - revolucionou a forma de partilhar e encontrar informação.

Enquanto investigador e professor, como vê o papel das bibliotecas na sociedade atual? Considera que as novas tecnologias preparam mais ou menos os leitores para encontrar informação e validar conhecimento? Qual o papel que uma biblioteca poderá ter para melhorar este processo?

A revolução digital é uma das melhores coisas que podiam ter acontecido para o acesso à informação e ao conhecimento, com enormes ganhos para todos, sobretudo os estudantes e os pobres. Face a isto, as bibliotecas têm de repensar a sua atividade neste quadro digital. A sua função (que conheci de perto quando fui diretor da biblioteca da Universidade Católica nos anos 1980) continua precisamente igual: conservação e disponibilização das fontes do conhecimento. Os meios usados mudaram. Todos continuamos a precisar de ir à biblioteca para consultar as fontes. Aquela e estas, no entanto, não têm de ser em papel. Além de serem estantes, as bibliotecas têm de passar a ser *sites*.



“A única exigência é a qualidade: os textos têm de ser, em cada género, os melhores. Para determinar isso uso muitas opiniões, mas o melhor crítico livresco é o tempo.”

2 – Enquanto autor, como olha para a disseminação de informação não confirmada (as chamadas fake news) e como é que vê as bibliotecas na cadeia de validação da informação?

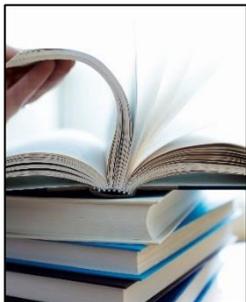
As falsidades não são de hoje, e muitos dos livros antigos nas nossas estantes estão cheios de *fake news*. O que aconteceu agora é que, como as notícias aumentaram imenso, aumentaram também as falsidades; mas provavelmente a percentagem de

enganos até desceu. O elemento decisivo, hoje como sempre, é o cuidado com as fontes de informação e conhecimento que usamos. Esse trabalho compete sobretudo ao leitor; ao bibliotecário compete vigiar o conteúdo das estantes, não o conteúdo dos livros que lá estão.

3 – À semelhança das bibliotecas, a ciência económica passou por grandes transformações na sua história. Se tivesse que escolher, que momento revolucionário na história do pensamento económico destacaria?

Há vários momentos decisivos, a começar pelo livro de Adam Smith em 1776, ou o modelo de Ricardo em 1817. Mas se tivesse de escolher um, seleccionaria a revolução marginalista, no início da década de 1870, com Jevons, Menger e Walras. A descoberta do princípio marginalista, ligando o preço dos bens ao valor da última unidade disponível, junto com a lei da utilidade marginal decrescente, que nota a redução desse valor com o aumento da quantidade, criou aquilo a que realmente podemos chamar ciência económica. A partir de então os economistas passaram a conseguir penetrar no raciocínio de escolha dos agentes, centro nevrálgico da teoria.

4 – Nas suas obras parece estar sempre presente uma preocupação em “pensar” a economia, tanto numa perspetiva pedagógica como científica. Acha que a consagração com o Prémio Nobel da Economia de economistas como Robert Shiller e Richard Thaler veio reforçar a importância de abordagens multidisciplinares dos fenómenos económicos como essenciais para compreender a realidade económica?



Desde o início a ciência económica sempre esteve disponível para agregar conhecimentos de outras áreas ao seu trabalho. Smith, Ricardo, Mill, Marx, Marshall, Keynes e tantos outros fizeram-no. Shiller e Thaler estão simplesmente no episódio mais recente e, sem dúvida, muito promissor. Mas é preciso alertar para os limites de cada disciplina. Estas podem e devem dialogar entre si, usando resultados umas das outras, como fizeram os grandes economistas referidos, mas sem perder a sua identidade. Misturar abordagens e paradigmas é a melhor maneira de dizer grandes disparates.

5 - Está a ciência económica, e os economistas em particular, preparada para dar resposta não só às questões tradicionais, como as colocadas pela crise financeira mas também a uma realidade cada vez mais complexa e dinâmica, que apresenta grandes desafios em áreas tão distintas que vão desde a mudança climática à inteligência artificial?

A realidade é cada vez mais complexa, mas o ser humano, dentro de si, continua igual ao que sempre foi. Por isso é que os princípios e abordagens das ciências sólidas se mantêm válidos. Compete-nos agora a nós, tal como os grandes génios fizeram no seu tempo, aplicar esses princípios e abordagens aos desafios do nosso tempo.

6 - A economia já procura incorporar outros campos do saber, como a psicologia, sociologia ou a ecologia. Que outras áreas, ainda que improváveis, podem ser exploradas?

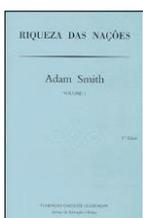
Há várias áreas muito promissoras. Na minha opinião a que mais se destaca agora é o acesso que o «big data» permite a dados detalhados de comportamentos, quer individuais, quer de grandes multidões, o que fornece informações e define padrões que nunca observámos antes. As oportunidades que daí saem são espantosas.

7 – Gostaríamos de terminar esta entrevista com uma espécie de “biblioteca ideal do Prof. João César das Neves” que ajudasse o cidadão comum a compreender a economia sob diferentes perspetivas. Nesse contexto, quais seriam os 5 livros indispensáveis nessa biblioteca e porquê?

Cícero disse, na carta de 13 de Junho de 46 aC ao seu amigo Terêncio Varro, que, «se tiveres uma biblioteca e um jardim nada te falta». A “biblioteca ideal do Prof. João César das Neves” teria de ser, antes de mais, muito grande. Eu sou omnívoro nas minhas leituras, abarcando géneros que vão da ciência à banda desenhada, do teatro à história, da filosofia aos policiais, da arte e religião a novelas e ensaios. A única exigência é a qualidade: os textos têm de ser, em cada género, os melhores. Para determinar isso uso muitas opiniões, mas o melhor crítico livresco é o tempo.

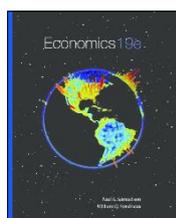
Se tivesse de escolher apenas cinco livros, primeira choraria pelos milhares de livros maravilhosos que perderia. Mas, aceitando o desafio, noto que os cinco livros que usaria para «compreender a economia sob diferentes perspetivas» são os mesmos que usaria para a vida em geral, porque a economia é a vida. O livro da minha vida é a Bíblia; aquele que leio mais, e que me ajuda na economia como em tudo. Em seguida, a obra que me ensinou a pensar, me arrumou as ideias e que uso continuamente como referência para inúmeros assuntos, em particular económicos, é a Suma Teológica de S. Tomás de Aquino. Estes dois textos são também os melhores manuais de economia que existem. No que toca à ciência económica estrita, escolhendo só um título, seleccionaria, entre várias possibilidades, a História da Análise Económica de Joseph Schumpeter. Ocuparia os lugares restantes com dois volumes que, em estilos muito diferentes, são referências indispensáveis da natureza humana: as Vidas Paralelas de Plutarco e as Obras Completas de William Shakespeare. Estes volumes têm um problema: dificilmente constam numa biblioteca estritamente económica, como é a do Banco de Portugal. Assim, limitando-me a textos desse tipo, a escolha seria a seguinte. Para a base do raciocínio económico o melhor continua a ser o livro I da Riqueza das Nações de Adam Smith. O manual Economia de Paul Samuelson e William Nordhaus é referência intransponível, como no sistema económico é outra obra de Schumpeter: Capitalismo, Socialismo e Democracia. Para arrumar a trapalhada que se diz sobre a controversa situação actual o melhor é A Grande Evasão de Angus Deaton. Finalmente, hoje não se pode fazer economia sem conhecer aquilo que se refere em Pensar, Depressa e Devagar de Daniel Kahneman.

Biblioteca ideal • As escolhas do Prof. João Luís César das Neves



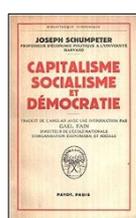
SMITH, A.

Inquérito sobre a natureza e as causas da riqueza das nações



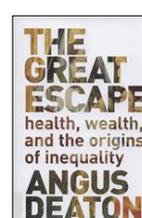
SAMUELSON, Paul Anthony; NORDHAUS, William D.

Economics



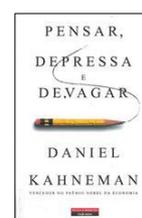
SCHUMPETER, Joseph A.

Capitalisme socialisme et démocratie



DEATON, Angus S.

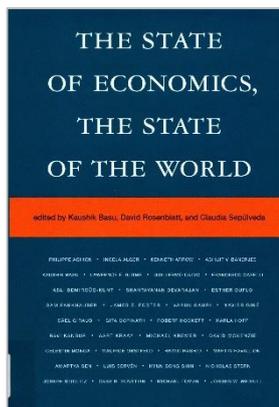
The great escape: health, wealth, and the origins of inequality



KAHNEMAN, Daniel

Pensar, depressa e devagar

Novidades • Destaques



BASU, Kaushik ; ROSENBLATT, David ; SEPÚLVEDA, Claudia

The state of economics, the state of the world

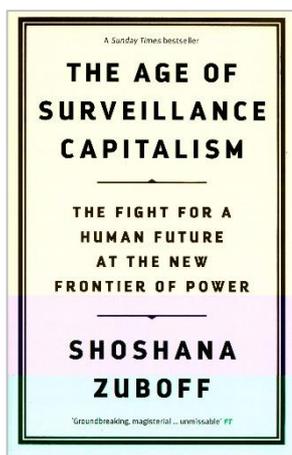
Cambridge, Mass.: MIT Press, 2019. 535p.
ISBN: 978-0-262-03999-4

“The state of economics, the state of the world” é o resultado de uma conferência organizada em 2016 pelo Banco Mundial e reúne um vasto conjunto de textos de notáveis economistas – alguns laureados com o prémio Nobel – onde é feito um ponto de situação do edifício teórico que rege a ciência económica, e em especial a economia do desenvolvimento.

Numa primeira parte, a análise centra-se em dois pilares da economia moderna: a teoria do equilíbrio geral e a economia do bem-estar. As contribuições aqui reunidas começam por enquadrar as raízes filosóficas que estão na sua base, partindo depois para o seu papel na caracterização do processo de escolha individual ou coletiva por parte dos agentes económicos, para, posteriormente, identificar algumas das suas principais falhas, com consequências na definição de políticas económicas.

A segunda parte do livro foca-se em dois objetivos fundamentais da análise macroeconómica: a compreensão do ciclo económico e a promoção do crescimento e desenvolvimento. Aqui são discutidos fenómenos como a inflação e deflação como principais objetos de análise, a incorporação dos mercados financeiros na análise macro, coincidente com a sua proliferação e integração, bem como questões relacionadas com a economia do desenvolvimento.

A última parte desta obra é dedicada às áreas de estudo mais recentes, perspetivando a sua evolução. São aqui abordados domínios como a economia ambiental e do clima, a economia comportamental, ou temas como a importância dos ensaios aleatorizados e controlados na investigação e definição de políticas de desenvolvimento.



ZUBOFF, Shoshana

The age of surveillance capitalism: the fight for the future at the new frontier of power

London: Profile Books, 2019. 691p.
ISBN: 978-1-78125-684-8

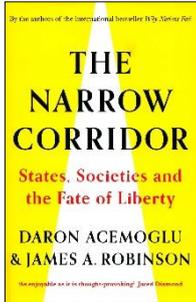
“The Age of Surveillance Capitalism” é uma reflexão acerca da sociedade atual, em transição de um capitalismo industrial para um capitalismo baseado na obtenção e exploração de um vasto leque de dados pessoais, e confrontada com uma nova relação de poderes.

A realidade ocidental dos sécs. XIX e XX é indissociável do capitalismo industrial. Segundo a autora, as sociedades encontram-se perante um momento crucial, em que inovações tecnológicas criaram novas formas de interação entre agentes, tais foram as barreiras que se demoliram no setor das telecomunicações. É da exploração desta interação que

nasceram os mais variados negócios, aqui assinalados com o lançamento da plataforma iTunes, episódio que estabelece o ponto de partida para uma análise social dos últimos 10 anos.

Num contexto pós-crise de desenvolvimento tecnológico acelerado e fragmentação política e social, Shoshana Zuboff avalia o papel que as gigantes tecnológicas desempenharam na alteração dos fundamentos do sistema económico vigente, alertando para os perigos que esta mudança apresenta se a ela não se opuser um movimento civil e democrático com bases institucionais sólidas.

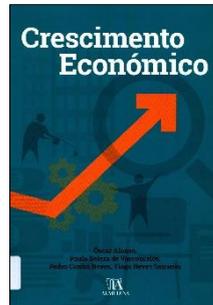
Novos recursos de informação



ACEMOGLU, Daron;
ROBINSON, James A.

The narrow corridor:
states, societies and the
fate of liberty

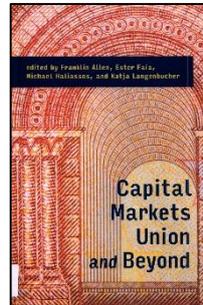
London: Viking, 2019. 558p.
ISBN: 978-0-241-31429-6



AFONSO, Óscar ;
VASCONCELOS, Paulo Beza
de ; NEVES, Pedro Cunha ;
SEQUEIRA, Tiago Neves

Crescimento económico

Coimbra: Almedina, 2019. 372p.
ISBN: 978-972-40-7988-2



ALLEN, Franklin ; FAIA, Ester ;
HALIASSOS, Michael ;
LANGENBUCHER, Katja

Capital markets union and
beyond

Cambridge, Mass.: MIT Press,
2019. 377p.
ISBN: 978-0-262-04276-5



AZMANOVA, Albena

Capitalism on edge : how
fighting precarity can
achieve radical change
without crisis or utopia

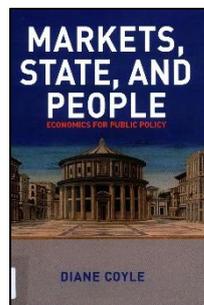
New York: Columbia University
Press, 2020. 254p.
ISBN: 978-0-231-19537-9



CARDONA, Maria Celeste

Contributo para o
conceito e a natureza das
entidades administrativas
independentes: as
autoridades reguladoras

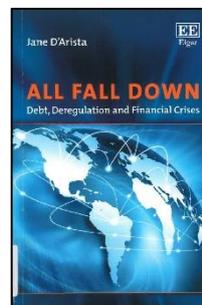
Coimbra: Almedina, 2019. 885p.
ISBN: 978-972-40-8252-3



COYLE, Diane

Markets, state, and
people: economics for
public policy

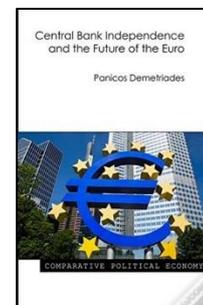
Princeton: Princeton University
Press, 2020. 360p.
ISBN: 978-0-691-17926-1



D'ARISTA, Jane W.

All fall down: debt,
deregulation and financial
crisis

Cheltenham: Edward Elgar
Publishing, 2019. 240p.
ISBN: 978-1-78990-775-9

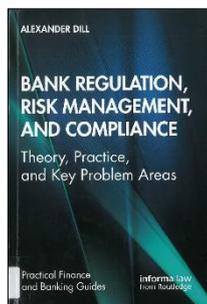


DEMETRIADES, Panicos

Central bank
independence and the
future of the Euro

Newcastle upon Tyne: Agenda
Publishing, 2020. 138p.
ISBN: 978-1-78821-153-6

Novos recursos de informação



DILL, Alexander

Bank regulation risk management and compliance: theory practice and key problem areas

Abingdon: Informa Law from Routledge, 2020. 301p.
ISBN: 978-0-367-36749-7



GOMES, Carla Amado; PEDRO, Ricardo; SARAIVA, Rute; MAÇÃS, Fernanda

Garantia de direitos e regulação: perspectivas de Direito Administrativo

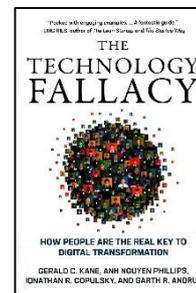
Lisboa: AAFDL-Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, 2020. 1276p.
ISBN: 978-972-629-346-0



GONÇALVES, José Renato

O Euro: balanço e perspetivas

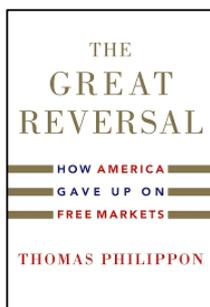
Coimbra: Almedina, 2019. 616p.
ISBN: 978-972-40-8212-7



KANE, Gerald C. ; PHILLIPS, Anh Nguyen

The technology fallacy: how people are the real key to digital transformation

Cambridge, Mass.: MIT Press, 2019. 269p.
ISBN: 978-0-262-03968-0



PHILIPPON, Thomas

The great reversal: how America gave up on free markets

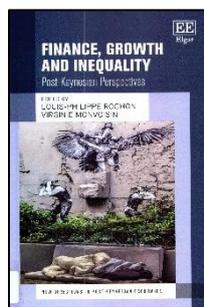
Cambridge, Mass.: Harvard University Press. Belknap Press, 2019. 343p.
ISBN: 978-0-674-23754-4



PIRES, Alex Sander ; ROSÁRIO, Pedro Trovão do ; BAHAMONDE, Ruben

Compliance: perspectivas e novas dinâmicas

Coimbra: Almedina, fev 2020. 101p.
ISBN: 978-972-40-8372-8



ROCHON, Louis-Philippe ; MONVOISIN, Virginie

Finance, growth and inequality: post-Keynesian perspectives

Cheltenham: Edward Elgar, 2019. 305p.
ISBN: 978-1-78897-368-7

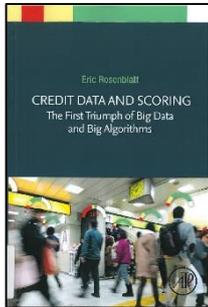


RODRIGUES, Anabela Miranda

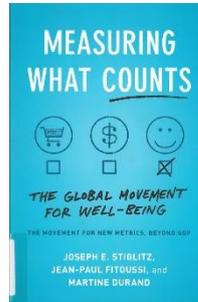
Direito Penal Económico: uma política criminal na era compliance

Coimbra: Almedina, 2019. 146p.
ISBN: 978-972-40-7735-2

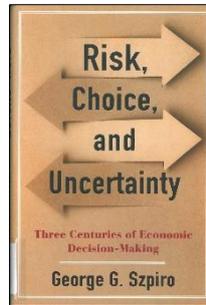
Novos recursos de informação



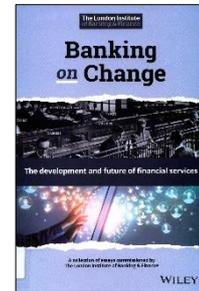
ROSENBLATT, Eric
 Credit data and scoring :
 the first triumph of big
 data and big algorithms
 London: Academic Press, 2020.
 263p.
 ISBN: 978-0-12-818815-6



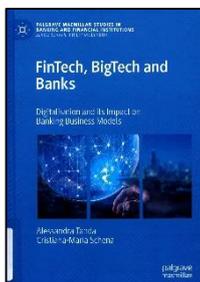
**STIGLITZ, Joseph E. ;
 FITOUSSI, Jean-Paul ;
 DURAND, Martine**
 Measuring what counts:
 the global movement for
 well-being: the movement
 for new metrics, beyond
 GDP
 London: The New Press, 2019.
 216p.
 ISBN: 978-1-62097-569-5



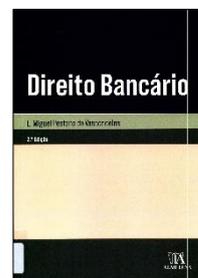
SZPIRO, George G.
 Risk, choice, and
 uncertainty: three
 centuries of economic
 decision-making
 New York: Columbia University
 Press, 2020. 350p.
 ISBN: 978-0-231-19474-7



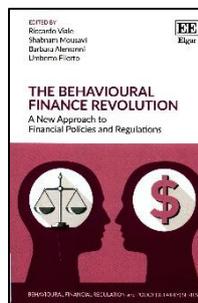
TAAFFE, Ouida
 Banking on change: the
 development and future of
 financial services
 Chichester: Wiley, 2019.
 225p.:il.
 ISBN: 978-1-119-60998-8



**TANDA, Alessandra ; SCHENA,
 Cristiana-Maria**
 FinTech, BigTech and
 banks: digitalisation and
 its impact on banking
 business models
 Cham: Palgrave Macmillan,
 2019. 111p.
 ISBN: 978-3-030-22425-7



**VASCONCELOS, Luís Miguel
 Pestana de**
 Direito Bancário
 Coimbra: Almedina, 2019. 512p.
 ISBN: 978-972-40-8122-9



**VIALE, Riccardo ; MOUSAVI,
 Shabnam ; ALEMANNI,
 Barbara ; FILOTTO, Umberto**
 The behavioural finance
 revolution: a new
 approach to financial
 policies and regulations
 Cheltenham: Edward Elgar,
 2018. 247p.
 ISBN: 978-1-78897-305-2



WHEELER, Steve
 Digital learning in
 organizations: help your
 workforce capitalize on
 technology
 London: Kogan Page, 2019.
 256p.
 ISBN: 978-0-7494-8468-2

Uma nova forma de aceder à informação

Implementação de um novo sistema

Enquadrado no apelo deixado pelo Sr. Governador em acompanhar os últimos desenvolvimentos tecnológicos e em procurar divulgar pela sociedade portuguesa a riqueza do nosso acervo, durante o mês de abril os serviços prestados pela Biblioteca do Banco de Portugal irão migrar para uma nova plataforma.

Entre as novidades destaca-se um novo sistema de descoberta, que irá centralizar os vários catálogos - físicos e digitais - disponibilizados pela Biblioteca num único índice, munido de ferramentas de pesquisa mais rápidas e com maior grau de flexibilidade.



Este sistema integrará também uma área pessoal onde os leitores poderão gerir as suas pesquisas e configurar alertas a enviar por *e-mail*.

Seja para conhecer a nossa coleção única de relatórios e contas de empresas portuguesas, acompanhar legislação recente no domínio das atividades desenvolvidas pelo Banco de Portugal, explorar as nossas coleções temáticas, ou pesquisar obras de referência nos vários domínios da Economia, juntamos a esta nova ferramenta o empenho em ajudar os nossos leitores a tirar o melhor partido deste património que é de todos.

Biblioteca

Mais de 70 000 monografias

Mais de 1500 títulos de periódicos

Recursos eletrónicos

Relatórios e contas

Instruções do Banco de Portugal

Legislação nacional e comunitária

Coleção de obras impressas entre os sécs. XVII e XIX

Obras editadas pelo Banco de Portugal

Pesquisas efetuadas por especialistas

Acesso à Internet

Sala de Leitura

R. Francisco Ribeiro, 2

1150-165 Lisboa

Entrada livre

De 2.ª a 6.ª feira

9h00 – 16h30

(entrada até às 15h00)

T +351 213 130 626

F + 351 213 128 116

biblioteca@bportugal.pt